

IMPASSES DA DEMOCRACIA NA AMÉRICA LATINA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA COBERTURA DE JORNAIS BRASILEIROS DE REFERÊNCIA SOBRE OS PROTESTOS DE 2019 NO CHILE¹

Fernanda Oliveira Forgerini²

Resumo

O presente artigo propõe uma análise dos discursos circulantes (CHARAUDEAU, 2018) acerca dos discursos sobre limites da democracia e da liberdade de expressão em matérias jornalísticas publicadas na *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e o *Estado de S. Paulo* a propósito das manifestações no Chile em outubro de 2019. Para isso, buscamos apreender traços de dialogismo e polifonia (GRILLO, 2005) presentes nos textos analisada. A partir de levantamentos nos acervos digitais dos veículos em foco, o *corpus* de pesquisa se constitui de reportagens estampadas nas capas dos periódicos no período de oito dias subsequentes à determinação do estado de exceção no país pelo presidente Sebastián Piñera.

Palavras-chave: *Jornalismo; Discurso; Chile; América Latina; Polifonia.*

INTRODUÇÃO

A força popular da América Latina ganhou as manchetes dos jornais mundo afora no ano de 2019, quando diversos países se tornaram palco de manifestações que reivindicavam garantia de direitos sociais, denunciavam desigualdades e clamavam por melhorias em áreas como saúde e educação.

¹ Este artigo é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica vinculada ao Programa de Iniciação Científica da Universidade Anhembi Morumbi e se insere no âmbito do projeto “Liberdade de expressão e direitos humanos no século XXI: os discursos jornalísticos em suportes impressos e digitais”, orientado pela Profa. Dra. Nara Lya Cabral Scabin.

² Estudante do 7º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi. Desenvolveu pesquisa de Iniciação Científica junto à Universidade Anhembi Morumbi entre abril de 2019 e maio de 2020, sob orientação da Profª. Drª. Nara Lya Cabral Scabin. E-mail: foforgerini@gmail.com.

Em outubro do mesmo ano, assistimos os protestos que incendiaram o Chile. Após o governo de Sebastián Piñera determinar o aumento da passagem do transporte metroviário, estudantes saíram às ruas exigindo a revogação da medida. Esse foi o estopim para que, no dia 25 de outubro de 2019, as ruas da capital Santiago fossem preenchidas por mais de um milhão de pessoas, a maior manifestação desde o fim da ditadura de Augusto Pinochet (1973-1990).

É a cobertura jornalística de tal episódio que se analisa no presente artigo, o qual apresenta parte dos resultados de uma investigação conduzida junto ao Programa de Iniciação Científica da Universidade Anhembi Morumbi, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Nara Lya Cabral Scabin. Para alcançar tal objetivo, consideramos matérias publicadas nos jornais *Folha de S. Paulo*, *o Estado de S. Paulo* e *O Globo*, a partir de levantamentos conduzidos junto aos acervos digitalizados dos veículos. A escolha dos veículos se justifica porque possibilita concentrar a investigação em três jornais de abrangência nacional e que representam as tiragens mais expressivas do país dentre o chamado “jornalismo de referência” (MANNA; JÁCOME; FERREIRA, 2017).

O objetivo da análise discursiva proposta neste trabalho é compreender as estratégias de articulação discursiva adotadas pelos jornais na cobertura em foco, buscando apreender, para tal, os traços de polifonia presentes no texto, a partir de apontamentos metodológicos feitos por Sheila Grillo (2005). Ao mesmo tempo, com base no trabalho de Patrick Charaudeau (2018), busca-se investigar os discursos circulantes que emergem nas páginas da imprensa e dão sustentação, enquanto condições de possibilidade, às articulações presentes nas matérias.

Segundo Grillo (2005), o jornalismo constitui sempre um “discurso sobre outro discurso”; por outro lado, o “efeito de transparência’ do discurso relatado é largamente empregado pela imprensa, constituindo o seu papel de transmissora do real” (GRILLO, 2005, p. 89). Na mesma direção, Charaudeau (2018, p. 74) aponta que o campo jornalístico “compõe um conjunto de acontecimentos ou de saberes que aparentemente preexistem ao ato de transmissão”, mas são (re)construídos como representação pelo discurso dos jornais.

O número incalculável de acontecimentos suscetíveis de tornarem-se informação, o fato de que nenhum organismo de informação pode estar presente em todos os lugares do mundo onde algo acontece, além das restrições de tempo de fabricação (a informação se constrói rapidamente) e de espaço de difusão (algumas páginas num jornal e meia hora de rádio e de televisão), obrigam a instância midiática a dotar-de de meios que lhe permitam abranger o máximo de acontecimentos, selecioná-los e verificá-los (CHARAUDEAU, 2018, p. 74).

Ao testemunho dos fatos, somam-se as crenças, opiniões e ideologias que transcorrem na esfera pública e atravessam a instância midiática, em uma perspectiva de dialogismo engendrado a partir da “interação entre sujeitos socialmente organizados” (GRILLO, 2005, p. 81). Com efeito, os jornais encontram-se no papel de interpelar suas audiências, que construirão visões sobre o mundo a partir das refrações operadas no discurso midiático:

A instância de produção e a instância de recepção se acham engajadas num processo de transação, no qual a primeira instância desempenha um duplo papel de testemunha do mundo e de interpelador de um público-cidadão, e a segunda, um papel reativo de espelho deformante, pois o discurso que circula entre os dois depende de imaginários sociais (CHARAUDEAU, 2018, p. 124).

Tendo tal compreensão sobre a natureza e funcionamento do discurso midiático como pano de fundo, entendemos a análise de matérias jornalísticas a propósito das manifestações no Chile em outubro de 2019 como caminho à recuperação de imaginários sociais sobre os entraves enfrentados pela democracia e liberdade de expressão.

QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

Para construir os fundamentos teóricos desta pesquisa, baseamo-nos em autores da Análise do Discurso de linha francesa, com destaque para Patrick Charaudeau, em sua obra *Discurso das Mídias* (2018), e o filósofo Michael Foucault, em *Ordem do Discurso* (2008). Em outro registro teórico, mas complementar às nossas reflexões neste trabalho, também recorreremos a conceitos desenvolvidos no âmbito do chamado “Círculo de Bakhtin”, à luz da leitura proposta pela pesquisadora Sheila Grillo (2005)

Em *Discurso das Mídias*, Charaudeau apresenta as formas pelas quais os meios de comunicação constroem a notícia e como esta se propaga no meio social. O pesquisador aponta que as mídias são constituídas de forma econômica, tecnológica e simbólica. Nesta pesquisa, dialogamos, dentre os apontamentos de Charaudeau, com três concepções principais: o discurso midiático como um “espelho deformante”, o entendimento de que a produção de narrativas midiáticas passa por um processo de “transformação-transação-interpretação” e, por fim, o conceito de “discurso circulante” como elemento central do espaço público.

O autor defende que as mídias não possuem o poder de manipulação. Charaudeau (2018) diz que elas manipulam tanto quanto são manipuladas por forças políticas,

econômicas e sociais. Logo, as mídias se tornam um espelho que reflete aquilo que já está acontecendo na sociedade – obviamente, um reflexo sujeito a uma inevitável refração. Segundo o linguista, os meios de comunicação, ao quererem “tornar visível o invisível” ou “selecionar o que é mais surpreendente”, transformam a imagem do espaço público em fragmentos (CHARAUDEAU, 2018).

Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformado, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo (CHARAUDEAU, 2018, p.20).

A partir dessa consideração, Charaudeau (2018) discute também como as mídias constroem o produto “notícia” para que seja transmitido ao público. Esse processo se dá sempre em face de um “contrato de comunicação” mobilizado por cada veículo. Assim, os jornais produzem suas narrativas considerando as expectativas projetadas a partir da imagem que constroem de sua audiência; logo, o objetivo de seu discurso é transformar os fragmentos apresentados sobre o mundo em algo palpável para que seja aceito pelos leitores, telespectadores, ouvintes, internautas etc.

Para o autor, está em jogo um processo de *transformação*, em que o mundo descrito e comentado, ou o “mundo a significar”, torna-se “mundo significado” (CHARAUDEAU, 2018, p.41). Para isso, Charaudeau aponta que a instância midiática “deve descrever (identificar-qualificar fatos), contar (reportar acontecimentos), explicar (fornecer as causas desses fatos e acontecimentos)” (CHARAUDEAU, 2018, p. 41). Essas características se inserem, segundo o pesquisador, no ato de informar. Ao mesmo tempo, tendo em vista as expectativas contidas no contrato de comunicação midiático, é decisivo o papel desempenhado pelos processos de *transação* – a construção de projeções, pela instância midiática, a respeito de seus receptores – e *interpretação* – a produção de sentido na instância midiática que atribui sentidos aos conteúdos midiáticos.

A instância midiática está no espaço público como uma ferramenta que fornece informações aos leitores (função cidadã), sem deixar de lado uma visada de captação da atenção do público, necessária à sustentação financeira dos veículos e frequentemente relacionada a apelos à emotividade. Tendo em vista essa “dupla visada”, a instância midiática conecta-se à opinião pública pela ação daquilo que constitui o terceiro conceito-chave desta pesquisa: o *discurso circulante*, isto é:

[...] uma soma empírica de enunciados com visada definicional sobre o que são os seres, as ações, os acontecimentos, suas características, seus comportamentos e os julgamentos a eles ligados. Esses enunciados tomam uma forma discursiva que, por vezes, se fixa em fragmentos textuais (provérbios, ditados, máximas e frases feitas), por vezes varia em maneiras de falar com fraseologia variável que se constituem em socioletos¹. É através desses enunciados que os membros de uma comunidade se reconhecem (CHARAUDEAU, 2011, p. 118).

A esse respeito, Charaudeau afirma que o discurso circulante possui três funções: *instituição do poder/contrapoder, regulação do cotidiano social e dramatização*. Nesta pesquisa, tendo em vista o objeto de estudo em foco, destacam-se as duas primeiras funções, que fornecem um entendimento de como as informações transmitidas por mídias jornalísticas ocupam o espaço público no que diz respeito ao debate sobre demandas de cidadãos em diferentes contextos, protestos públicos e os desafios próprios de momentos de crise de representatividade.

Ao lado de tais formulações, a *Ordem do Discurso* de Foucault – autor que desempenha influência decisiva sobre o pensamento Charaudeau –, em um registro mais amplo, representa uma contribuição fundamental a este trabalho na medida em que nos ajuda a entender o discurso como mecanismo de materialização de poder; assim, o filósofo defende que quem domina o poder consegue dominar também os corpos. O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o que se luta, ou seja, aquilo de que se procura apoderar nas lutas sociais (FOUCAULT, 2008).

O autor defende que o poder sobre o discurso é algo privilegiado, e que apenas alguns têm o direito de poder falar e de definir aquilo sobre o que se pode falar:

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, seleccionada, organizada, e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhes os poderes e dos perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesa, temível materialidade (FOUCAULT, 2008, p. 2).

À contribuição de Charaudeau (2018) e Foucault (2008), esta pesquisa propõe articular ainda conceitos do chamado “Círculo de Bakhtin”, a partir da leitura proposta por Grillo (2005). Em especial, destacamos as noções de dialogismo e polifonia. Tais conceitos permitem-nos compreender o estudo do “discurso como fenômeno constituído, em sua

essência, por diferentes enunciações, vozes e posições ideológicas, em suma, pelo dialogismo e pela polifonia” (GRILLO, 2005, p. 73).

Grillo (2005) entende a polifonia nos jornais impressos como uma interpretação da representação do discurso do debate democrático, “em uma de suas instâncias de constituição e divulgação”.

O dialogismo é formado por dois aspectos fundamentadores do discurso: seu caráter sociointerativo, isto é, a linguagem se constitui na interação entre sujeitos socialmente organizados, e sua construção polifônica, pois as palavras dos sujeitos estão repletas de palavras dos outros discursos que as precederam (GRILLO, 2005, p. 81).

A autora também se dedica a analisar os “estilos e normas de transmissão do discurso relatado na imprensa” e a “transmissão do discurso alheio do gênero reportagem”, afirmando que os jornais descrevem os “acontecimentos a partir dos discursos daqueles que dele fizeram ou fazem parte” (GRILLO, 2005, p. 88).

Finalmente, cabe ressaltar que é a partir da inspiração representada pelo trabalho da autora que adotamos a técnica de elaboração de tabelas como forma de análise, para, assim, esmiuçar as matérias selecionadas ao debate do artigo. Por meio dessa ferramenta, Grillo (2005) destrincha os textos analisados e percebe neles a presença de vozes e estratégia de articulação discursiva.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho se baseia na proposta de Lopes (1994) acerca de um modelo metodológico na construção da pesquisa em Comunicação. A autora elenca componentes de estruturas que visam formar o desenvolvimento da investigação. A autora divide a construção da pesquisa em ordem *paradigmática* (níveis ou instâncias) e ordem *sintagmática* (fases ou etapas) (LOPES, 1994, p. 103).

Partindo desse pressuposto, os componentes ajudam na operação e interação entre as estruturas. Dessa forma, destacamos aqui os tratamentos dos níveis de delimitação da observação, amostragem, técnica de coleta, descrição e, por fim, interpretação. Diante dos itens elencados, esta pesquisa parte da observação de operações que “visam coletar e reunir evidências concretas capazes de reproduzir os fenômenos em estudo no que eles têm de essencial” (LOPES, 1994, p. 123).

Sendo assim, nossa amostragem considera veículos representativos da chamada “imprensa de referência” no Brasil e baseia-se na escolha de um episódio que condensa aspectos centrais à crise política vivenciada desde 2019 no Chile. Dessa forma, a construção do *corpus* abarca as matérias publicadas nas edições impressas de cada veículo em foco a respeito das manifestações do dia 25 de outubro de 2019 naquele país. A coleta das matérias pautou-se pela identificação de um marco central, relacionado ao decreto de estado de emergência no país, e considerou um período de oito dias após o episódio em questão, período que consideramos suficiente ao levantamento das principais repercussões, na imprensa, do evento pesquisado.

Como ferramenta de coleta, adotamos os mecanismos de busca dos acervos digitais dos periódicos em foco, a partir dos quais foi possível acessar as capas dos diários. Com isso, privilegamos no levantamento as notícias estampadas na primeira página dos jornais. Como cada acervo possui sua ferramenta específica de pesquisa, algumas escolhas foram necessárias. Assim, realizamos a busca por palavras-chaves no caso da *Folha de S. Paulo*, enquanto os motores de busca do *Globo* e do *Estado de S. Paulo* permitem realizar o levantamento por dia, de modo que foi preciso percorrer manualmente capa por capa para realizar a coleta do material.

A partir desses procedimentos, para selecionar os textos que fato constituiriam o *corpus* de pesquisa dentre todos os achados localizados, foi preciso adotar critérios baseados na identificação da relevância de cada matéria à luz dos conceitos que estruturam esta pesquisa; ou seja, priorizamos notícias e reportagens cujos eventos retratados guardassem em si maior potencial de suscitar referências a discussões sobre liberdade de expressão a propósito do impasse democrático na América Latina.

Seguindo o trajeto proposto por Lopes (1994), após os processos de observação e coleta, dedicamo-nos à descrição das capas selecionadas no período de observação. Para este artigo, em especial, detemo-nos nas matérias do dia 26 de outubro de 2019, um dia após a marcha que reuniu mais de um milhão de chilenos na capital do país, Santiago. São elas: *Marcha reúne 1,2 milhão para reivindicar mudanças no Chile*, de *O Globo*; *1 milhão de pessoas nas ruas de Santiago*, de *O Estado de S. Paulo*; *Com 1 milhão, marcha marca 8º dia de protestos no Chile*, da *Folha de S. Paulo*. Cabe ressaltar, porém, que foram coletadas, ao todo, durante a pesquisa que fundamenta este artigo, 17 matérias jornalísticas sobre o marco escolhido como foco de atenção.

Nas próximas páginas, analisamos descritivamente as capas em que foram publicadas as chamadas para as matérias citadas, considerando a visibilidade nelas engendrada diante do evento coberto.

ASPECTOS GERAIS DA COMPOSIÇÃO DAS CAPAS

A partir da observação de nosso *corpus*, é possível perceber e destacar as hierarquizações editoriais presentes em cada veículo, já que as capas dos jornais atuam como dispositivos privilegiados de visibilidade, o que reforça sua pertinência como objeto de análise (SCABIN, 2020). Scabin (2020) pontua que, nos veículos impressos, a primeira página de cada edição é sintetizadora da “agenda de notícias” da mídia e, assim, confere destaque àquilo que seleciona no dia a dia como “relevante”.

Na pesquisa que fundamenta este artigo, foram levantadas 17 matérias, incluindo as acima destacadas como foco principal de análise, no acervo digital da *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*. Tanto a *Folha de S. Paulo* como *O Globo*, em oito dias de pesquisa, tiveram seis matérias sobre o Chile na capa das edições do dia. *O Estado de S. Paulo*, por sua vez, no mesmo período, publicou cinco textos sobre o país e seus protestos com destaque na primeira página. Pelo menos em algum momento do período estipulado para a pesquisa, alguma matéria do Chile foi destaque simultaneamente na capa dos três jornais pesquisados neste trabalho.

No geral, as chamadas estavam em blocos ou entre as colunas da diagramação do diário. Um ponto importante a destacar é perceber a ligação entre temas que norteia a distribuição e organização das matérias, pois, à época dos protestos chilenos, a Bolívia passava por uma turbulência nas eleições presidenciais no país. Logo, as chamadas da América do Sul estão sempre próximas umas às outras. Da mesma forma, em alguns casos, cabe observar que parte das pautas localizadas recebeu destaque pequeno na organização das primeiras páginas.

É o caso da capa da *Folha de S. Paulo*, de 24 de outubro de 2019, que continha uma chamada com o seguinte título: *Menino de 4 anos morre no Chile; já são 18 vítimas*; ela foi colocada na coluna do lado direito, no 3º quadro e no final da primeira página. Destacamos esse exemplo, pois, em relação às capas pesquisadas, esta foi a que menos teve destaque, sendo que a matéria apontava a morte de uma criança em meio a manifestações por melhoria nas condições de vida no país.

Outra capa, ainda da *Folha*, de 21 de outubro de 2019, traz o título *Chile registra sete mortos mesmo sob toque de recolher*. A matéria foi o segundo destaque na edição com duas fotos como paratextos auxiliares. No entanto, é importante observar as imagens usadas: uma mostra os protestos e a outra, abaixo, apresenta soldados em um estabelecimento comercial. É importante notar a relação entre o título e as duas imagens selecionadas para estampar a capa da edição, em que se tenta mostrar uma desvinculação em relação às “duas partes” em disputa – o que não deixa de gerar, como efeito de sentido, uma redução da complexidade do impasse democrático em curso à simples polarização.

Em relação a *O Globo*, destaca-se a capa do dia 22 de outubro de 2019, com o título *Oposição chilena pede acordo nacional*. A matéria está no 2º quadro da primeira página, à direita. O texto que chama a reportagem fala sobre os números de mortos nos protestos, o aumento da pressão sobre o presidente chileno, Sebastián Piñera, e o pedido da oposição. Essa matéria é a única, entre as 17 observadas em todos os jornais, que não abre o texto com alguma fala do governo ou com informações sobre os óbitos nas manifestações.

Como se pode notar, a partir do levantamento de capas, percebe-se que há casos em que as matérias vão de acordo com os discursos de autoridade do governo, como matérias que destacam “saques”, “incêndios”, “destruição” do patrimônio público. Ao mesmo tempo, não raro esses veículos concedem, em suas capas, visibilidade a vozes dissonantes em relação a esse imaginário ou questionadoras de discursos de autoridade, mas é importante entender essa visibilidade como construída quase como concessão, uma visibilidade negociada dentro da premissa de apresentação dos “dois lados” de uma contenda pelo jornalismo.

Tal dado é sintomático de negociações e disputas discursivas que evidenciam momentos de crise enfrentados pelas democracias contemporâneas, como o verificado no impasse democrático vivenciado desde 2019 no Chile. Ao mesmo tempo, é interessante observar que a complexidade desse impasse não raro é reduzida, na representação do espaço público construída pelos jornais, a uma disputa entre “duas partes”, dois lados que se equivalem, com a demarcação de uma evidente polarização discursiva.

Esse efeito de sentido parece ser reforçado pelo fato de as notícias sobre os protestos no Chile receberem destaque de médio e reduzido nas capas, mesmo quando abordam acontecimentos de gravidade evidente. Além disso, uma vez alocadas ao lado de matérias sobre eventos de outros países latino-americanos, tais matérias são apresentadas, na

representação do espaço público construída pelas capas dos jornais, como meramente mais um episódio de uma narrativa de permanente instabilidade política que assolaria a América do Sul.

IMBRICAÇÃO DE VOZES: ELEMENTOS TEXTUAIS E PARATEXTUAIS

Este artigo se baseia na proposta de análise traçada por Grillo (2005) para examinar discursivamente as matérias jornalísticas que constituem o *corpus* de pesquisa. Por meio dos elementos jornalísticos destacados pela autora, torna-se possível examinar a relação entre elementos textuais e paratextuais, que sinalizam a imbricação entre vozes nos jornais e evidenciam as estratégias de articulação discursivas adotadas pelas publicações na cobertura dos acontecimentos em foco.

Assim, as matérias foram analisadas por meio de um quadro de leitura em que descrevemos como se configuram os seguintes aspectos em cada texto: a) título na 1ª página, ou seja, como o jornal chamou a matéria na capa; b) discurso relatado de prévia na capa; c) chapéu/editoria; d) manchete, ou seja, o título de cada texto dentro do jornal; e) título auxiliar (ou linha-fina); f) legenda das fotos. Com base nos achados identificados a partir de tais critérios de leitura, destacamos aqui alguns excertos que evidenciam de forma particularmente clara as vozes presentes nos textos.

No dia 26 de outubro de 2019, a edição número 31.491 do jornal *O Globo* deu destaque para a manifestação chilena que levou mais de um milhão de pessoas às ruas de Santiago, marcando o oitavo dia consecutivo de protesto contra o governo de Sebastián Piñera. A primeira página destacou a chamada: “Marcha reúne 1,2 milhão para reivindicar mudanças no Chile.” O título auxiliar, por sua vez, afirma: “Piñera diz que ato pediu país mais justo: ‘Todos escutamos’”.

A primeira página estampa também uma imagem de um ponto da cidade em que é possível notar a aglomeração de manifestante, abaixo da qual lê-se: “Multidão. Manifestantes se reúnem nas ruas de Santiago: um entre cada cinco dos 6,3 milhões de habitantes da capital aderiu ao protesto de ontem, convocado via redes sociais”. O texto/discurso relatado de prévia da capa apresenta um resumo das manifestações, afirmando que outras partes do país também registraram protestos, e aponta que o número de manifestantes presentes foi um dado divulgado pela polícia chilena, além de ressaltar a fala, de forma direta, do mandatário do país.

Na página 25, como primeira matéria do chapéu “Mundo”, a manchete muda para “Um milhão nas ruas”, com o título auxiliar: “No maior protesto já feito no país, chilenos

pedem amplas reformas políticas e econômicas”. Assim como na capa do jornal, a matéria tem uma imagem legendada: “Arrastão cidadão. Manifestantes nas ruas de Santiago levam cartazes pedindo prisão para os corruptos e um referendo nacional: pauta de reivindicações foi de nova Constituição a melhores salários e pensões, saúde e educação”. Nesses dois apontamentos, percebemos a diferença entre a capa, que valoriza a voz do presidente chileno e o discurso de fontes oficiais, e a reportagem em si, que destaca ação de manifestantes como protagonistas da narrativa e enfatiza o apoio popular aos protestos.

O texto se organiza ainda em três blocos: “O Chile acordou”, “Dificuldade para Piñera” e “Cansaço com o modelo”. Nove vezes estão presentes na matéria, desde autoridades políticas, polícia, manifestantes e a colaboração de uma jornalista correspondente de Buenos Aires. Importante salientar que tais declarações sobre as manifestações foram creditadas à Agence France-Presse (AFP), ao mesmo tempo em que alguns “influentes parlamentares” chilenos foram ouvidos pelo próprio jornal.

A construção dos parágrafos emprega vozes tanto em discurso direto quanto indireto, formas que Grillo (2005) aponta como utilizadas como forma de corroborar a narrativa do jornal e, especialmente no caso do discurso direto, produzir um efeito de sentido de autenticidade, seja por meio de uma função testemunhal, seja por meio da concessão de autoridade aos ditos. Em outras palavras, o *Globo* procura marcar um distanciamento em relação aos fatos na construção da reportagem, recorrendo a fontes que representem diferentes pontos de vistas; é o que fica evidente, por exemplo, quando o jornal procura “materializar” a voz do “outro lado” do governo por meio da fala de uma deputada da oposição de Piñera.

No mesmo dia, a edição 46.029 do jornal *O Estado de S. Paulo* apresenta a marcha de um milhão de pessoas pela capital chilena como segundo destaque da capa. Com uma foto estampando a primeira página do diário paulista, o título chama: “1 milhão de pessoas nas ruas de Santiago”. Como prévia, o veículo destacou que a manifestação havia sido a maior desde a redemocratização do Chile e protestava contra a “desigualdade social”. Vale destacar o seguinte trecho do resumo da matéria, que valoriza uma suposta “concessão” por parte do presidente e sugere uma intransigência por parte dos manifestantes: “Apesar das concessões feitas pelo presidente Sebastián Piñera, como aumento de aposentadorias e do salário mínimo, os protestos não diminuíram”.

No interior do jornal, a matéria não é a principal no chapéu “Internacional” da edição: a reportagem aparece na terceira página da seção com a manchete “Mais de 1

milhão de pessoas protestam na capital do Chile” e o título auxiliar “Apesar de concessões do governo e da violenta repressão, chilenos fazem maior manifestação desde o fim da ditadura, nos anos 1990”. A legenda da foto destaca: “Adesão. Multidão se reúne no centro de Santiago para pedir a renúncia de Sebastián Piñera, apesar do recuo do presidente e dos benefícios concedidos”. Assim, vale assinalar que os títulos auxiliares e a legenda da foto mostram a voz com a qual o jornal se identifica, ao mesmo tempo em que o texto traz a presença da polícia nas manifestações e dá voz aos agentes de segurança.

Esse dado torna-se ainda particularmente significativo quando consideramos que a matéria, assim como o exemplo citado anteriormente no *Globo*, é construída a partir de dados de agências de notícias (no caso, a Reuters e a AFP). Em outras palavras: embora não se trata de uma apuração feita pelo próprio jornal, com levantamento de informações *in loco*, o modo como se constrói a edição da reportagem, sobretudo por meio das decisões que sustentam os elementos paratextuais, evidenciam as escolhas editoriais do veículo.

Tal efeito de sentido é reforçado ainda no último parágrafo do texto, introduzido pelo intertítulo “Prejuízo”, que destaca quais teriam sido os prejuízos gerados ao país pelas manifestações: “A Câmara de Comércio de Santiago estimou U\$S 1,4 bilhão os prejuízos com a crise. As perdas, no entanto, vão além, do comércio”. O trecho é construído a partir de uma “modalização do discurso segundo”, que Grillo (2005) caracteriza como uma “forma preferida” na imprensa para a “transmissão de documentos, pareceres e pesquisas escritas” (GRILLO, 2005, p. 97), criando “os efeitos de objetividade e de isenção” (GRILLO, 2005, p. 99).

Passando ao exame da *Folha de S. Paulo*, o jornal publicou, em sua edição de número 33.078, uma foto acompanhada da legenda: “Mais de um sexto da população da capital Santiago ocupa o entorno da praça Itália”. O título destaca: “Com 1 milhão, marcha marca 8º dia de protestos no Chile”. A prévia lembra que a manifestação foi a maior desde a redemocratização e indica que o número de chilenos nas ruas corresponderia a um cálculo do Ministério do Interior e da Segurança Pública, assim como a informação do fechamento do Congresso Nacional por supostos “confrontos com a polícia que ocorriam do lado de fora”.

No interior do jornal, outra foto acompanhava-se da legenda: “Milhares de Manifestantes protestam em Santiago nesta sexta, no maior ato desde a redemocratização”. Já na manchete, a *Folha* destaca: “Grande marcha toma Santiago em 8º dia de protestos no Chile”; como título auxiliar, temos: “Segundo a polícia, mais de 1,2 milhão de pessoas se

reúnem na praça Itália”. Assim como na reportagem de *O Estado de S. Paulo*, a matéria da *Folha* é assinada pela Reuters e a Associated Press News. Nesse sentido, observa-se que ambos os jornais relatam episódios de confronto entre a polícia e os manifestantes, além de incorporar, no primeiro parágrafo, em modalização do discurso segundo, dados e informações quantitativas, cuja divulgação atribui-se a órgãos do governo chileno. Não obstante, o exame de elementos paratextuais da cobertura da *Folha* evidenciam escolhas editoriais distintas, já que o veículo enfatiza a grandeza dos protestos e seu apoio popular.

Também fica evidente a preocupação por parte do jornal em mostrar os “dois lados” envolvidos nos protestos, sobretudo quando a matéria aponta, em seu 15^a parágrafo, a posição de organizações de direitos humanos diante dos casos de abuso das autoridades de segurança. Em discurso indireto, tomamos contato com as vozes de tais organizações: “A Justiça investiga ainda se agentes de segurança cometeram abusos para reprimir as manifestações, como apontam organizações de defesa dos direitos humanos locais”.

Em face de todos os achados apresentados, fica evidente a imbricação de diferentes vozes que constitui a cobertura dos protestos chilenos pelos três jornais de referência examinados. O exame dos traços de polifonia nos jornais evidencia as vozes que recebem maior autonomia e protagonismo na construção das matérias, o que, ao lado dos elementos paratextuais apontados, evidencia escolhas editoriais que sinalizam a existência de identidades enunciativas que caracterizam o discurso de cada veículo, não obstante estejamos diante de enunciados constituídos por múltiplas e complexas vozes.

De maneira geral, porém, é possível destacar o diálogo existente nas três publicações, em diferentes medidas, com discursos circulantes que defendem ideias contrárias a manifestações. É tal sentido que fica implícito, por exemplo, na afirmação de *O Estado de S. Paulo* de que, “apesar das concessões” do governo Piñera, os chilenos continuavam indo às ruas. É nesse imaginário social que encontram legitimidade e respaldo as vozes de autoridades e relatos sobre os confrontos entre manifestantes e a polícia chilena, que reprimiu quem buscava nas ruas assumir para si um papel de agente de mudanças e reivindicava menos desigualdade e cumprimento de direitos pelo Estado – direitos humanos fundamentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os compromissos editoriais dos três jornais analisados defendem, de formas distintas, a produção de um jornalismo imparcial e capaz de atender ao interesse público. Não obstante, esse processo não se faz sem, como aponta Charaudeau (2018), a transformação de um “mundo a significar” em “mundo significado”, com a construção de narrativas atravessadas por vozes e discursos sociais em circulação no espaço público.

Tais discursos expressam inevitavelmente crenças, sentimentos, opiniões e ideologias, frequentemente alheias à reflexão racional, acerca dos assuntos que emergem na esfera pública, a exemplo das ações de agentes da polícia em seu “dever” de reprimir manifestações e restaurar a ordem pública, formulação fortemente enraizada em imaginários sociais. Não à toa, Charaudeau (2018) afirma que as crenças pertencem “a um domínio no qual já existe uma verdade constituída, que depende de um certo sistema de pensamento, e à qual o sujeito adere de maneira não racional” (CHARAUDEAU, 2018, p. 121). Sendo assim, a opinião pública pode resultar de tais crenças ou de um “entrecruzamento entre conhecimento e crenças de um lado, opiniões e apreciações de outro” (CHARAUDEAU, 2018, p. 123).

Nesse sentido, um ponto que chama a atenção nas matérias jornalísticas de nosso *corpus* é a ausência quase total de referências explícitas às ideias de democracia e liberdade de expressão. O texto da *Folha de S. Paulo* é o único em que um desses conceitos aparece, já que o veículo estabelece uma ponte entre as manifestações atuais e o período do regime militar no Chile (“retorno da democracia”) e com a incorporação, em discurso direto, da fala de um entrevistado que se refere ao “sistema democrático”. *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, por sua vez, não fazem qualquer menção aos termos em questão. Por outro lado, são abundantes expressões como “marcha pacífica”, “abusos cometidos”, “repressão violenta” e “violação dos direitos humanos”. Importante ainda salientar que os três veículos corroboraram a marcha de mais de um milhão de pessoas como a maior após a “ditadura de Augusto Pinochet”.

Em outras palavras, os veículos, à exceção das referências sutis presentes na *Folha*, esquivam-se a situar as marchas chilenas em um contexto mais amplo de impasses democráticos que marcaram os últimos meses na América Latina. Em lugar disso, ganha espaço uma abordagem mais “factual”, mas também menos complexa e mais afeita a discursos circulantes de forte impregnação em imaginários sociais a respeito da violência, de manifestações e da ação da polícia. Vale lembrar que é também no silenciamento que se

revela o poder privilegiado em jogo no domínio do discurso, como nos lembra Foucault (2008), cujo poder de regulação se constrói por uma cuidadosa orquestração de vozes que, apenas se inseridas em dispositivos rigorosos de controle, são autorizadas a falar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2018.

FOLHA DE S. PAULO. Grande Marcha Toma Santiago em 8º dia de protestos no Chile. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26/10/2019. Mundo, p. A16.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. “Discurso alheio: apreensão e polifonia”. In Silva, Luiz Antônio da (org.). **A língua que falamos**. Português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MANNA, Nuno; JÁCOME, Phellipy; FERREIRA, Thiago. “Recontextualizações do – ismo: disputas em torno do jornalismo ‘em crise’”. **Revista Famecos**, v. 24, n. 3, Porto Alegre, set./dez. 2017, p. 1-20. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrio.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/26991/1569>> . Acesso em: 20 Nov. 2019.

O ESTADO DE S. PAULO. Mais de 1 milhão de pessoas protestam na capital do Chile. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 26/10/2019. Internacional, p. A20.

O GLOBO. Um milhão nas ruas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26/10/2019. Mundo, p 25.

SCABIN, Nara Lya Cabral. **Mediação como gênese:** Uma análise da conformação de discursos midiáticos identitários a partir do debate sobre gênero em O Estado de S. Paulo, O Globo e Folha de S. Paulo entre 1978 e 2018. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade São Paulo, 2020.